

① No filme "Minha fala" [Minha voz], de Flora Gomes, conhecemos Vita, uma jovem e bela moça, que está a poucas horas de ir estudar moda em Paris; acompanhamos também o seu dilema: de vida a uma maldição que segue todas as mulheres da família, ela não pode cantar sob nenhuma hipótese. Sua vida muda quando, em Paris, passa a namorar um músico que logo descobre o talento da moça: o canto. Em busca de sua própria voz, Vita se lança em um novo impasse: contar para sua mãe que gravou um CD e que não está morta.

A película rodada em Guiné-Bissau e na França atenta para uma questão importante: encontrar a própria voz. O espaço escolar deveria permitir a reflexão e a autonomia dos conhecimentos para que o aluno com sua própria luz - contrariando a etimologia - possa ser mais independente no processo de ensino-aprendizagem.

Atualmente, mesmo no Brasil pós-Paulo Freire,^{a educação} caminha a passos lentos - em alguns lugares ainda imperceptíveis - para a tão sonhada autonomia e transformação libertadora. Nessa mesma lógica, o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa não aparece em toda a vida escolar do discente ou, se aparece, se estabelece isolada e pontualmente e diversas vezes estereotipada.

Além disso, o trabalho com a literatura é muitas vezes suplantado por conteúdos puramente gramaticais sem a devida aplicação. Estudar literatura é uma forma de conhecimento, através da experiência da linguagem (imensão), da experiência do outro, de si e do mundo.

As literaturas africanas de língua portuguesa se apresentam como um caminho possível de reconhecimento da nossa história resignificada. O estudo profundo dessas obras, em suas diversas contribuições históricas, linguísticas e existenciais, nos permite estar em contato com um passado colonial recente - ainda com pouca representatividade nos livros didáticos - e com uma história

que se somam com a nossa.

A identificação do semelhante e o interesse pelo novo só corroboram suas universalidades e especificidades. Dois livros que podem exemplificar essa configuração plural são "Luanda", de Luandino Vieira e "Os filhos da pátria", de João Melo: colonizados com identidades fragilizadas compartilham também a nossa memória de ex-colônia.

Desse modo, as literaturas africanas de língua portuguesa contribuem não apenas para o estudo de Literatura na escola, mas para as demais disciplinas formais (como História e Geografia), coletivas e individuais.

Por fim, não se pode furtar aos discentes as diversas experiências permitidas pela Literatura: olhar o outro sob múltiplas perspectivas, ou como Ondjaki constrói no trecho:

Arve gârnâxélogica

"ser folha é
nem sempre estar para sol.
a outra folha
lém de ser nossa vizinha
pode ser nossa irmã de sombras."

2) Segundo Uma Malhada deite, no livro "Oralidade & escritas pós-colonias, as literaturas dos cinco países africanos de língua Portuguesa (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe) se apresentam, de maneira geral, em três formas: os textos produzidos são escritos em língua local; os textos seguem a norma culta da língua portuguesa, ou se apresentam em caráter de hibridismo ou transgressão, mesclando a língua Portuguesa com outras línguas locais. Este último pode ocorrer a nível vocabular / lexical - quando há a incorporação de palavras na frase - ou a nível sintático ou morfossintático - normalmente quando uma palavra de outra língua passa a seguir o paradigma da língua portuguesa.

Para o estudo de estrutura / formação de palavras, produções literárias em caso de transgressão da língua parecem ser mais eficazes. Em um primeiro momento, isso acontece porque outras línguas são capazes de resignificar o paradigma da língua Portuguesa. Posteriormente, compreende-se que o campo da literatura permite uma maior potência das invenções e (re)criações da língua.

Um primeiro exemplo que pode apontar essas contribuições lingüísticas para o estudo de estrutura / formação de palavras é a palavra "kazukutar", comum de ser lida na obra do escritor angolano Ondjaki "Kazukuta", em alguns dialetos do país, significa bagunça, baderna. O verbo criado em questão tem origem em outra língua, mas segue o paradigma português de formação de verbos (-ar).

A prática, em sala de aula, de identificação e classificação desses processos de formação de palavras se revela mais produtiva quando nos deparamos com as literaturas africanas de língua portuguesa. Uma atividade interessante que pode ser desenvolvida no ensino médio é a classificação de versos, trechos ou mesmo nomes de livros das literaturas em questão com o objetivo de compreender as plurais inventividades da produção poética.

4

No famoso livro de contos do moçambicano Mia Couto, "estórias abençoadas" se revela uma composição por aglutinação, em que "abençoadas" e "sonhadas" se fundem para dar origem a uma nova lógica de significado. A importância do olhar "do outro", "estrangeiro", "colonizado" descoloniza a língua de determinados padrões linguísticos, resignificando-o.

Assim, o estudo de Língua Portuguesa no ensino médio - considerando que grande parte dos conteúdos vistos estarão sendo revisados e aprofundados - deve ser reflexivo e autorreflexivo. A literatura vem, no último segmento da escola, transgredir e redefinir os conceitos da língua.

No livro "Aula de Português", de Grande Antunes, há a seguinte afirmação: "A leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita."

Espera-se, por fim, que o aluno do ensino médio seja capaz de compreender as potencialidades, a intencionalidade e a aplicabilidade dos conhecimentos da gramática de nossa língua. Além disso, só a experiência da literatura já é uma grande forma de conhecimento. O foco, na atualidade, é atrelar esses conhecimentos linguísticos à vivência do texto literário.

3. Segundo Vitor Manuel de Aquino e Silva, no livro "Teoria da Literatura", mais do que o discurso conotativo, a linguagem literária se reconhece pelo seu caráter de plurisignificação, ou seja, a linguagem cotidiana - com fins comunicativos - rompe, transgide com sua utilidade.

Assim, em linhas gerais, o estudo da literatura se revela produtivo quando permite novas vivências da linguagem, do outro, de si e do mundo inaugurado pela palavra. Mia Couto, no prefácio do livro "Exotius Mocambicanus", de Virgílio de Lemos, alude à frase de Clarice Lispector: "Liberdade é pouco. O que eu quero ainda não tem nome". A Literatura, por isso, renasa palavras e reinventa novos significados.

Nesse diálogo em sala de aula, é importante disponibilizar tempo para a leitura individual, para a leitura coletiva e para a releitura. Muito além do contexto de produção, o professor não deve - e essa é uma das maiores críticas ao ensino atual - fustar o aluno de vivenciar a leitura e a escrita.

Praticamente, uma atividade que pode ser desenvolvida no Ensino Fundamental II é a leitura de dois contos "A terceira margem do rio" e "Nas margens do tempo", o primeiro do brasileiro Guimarães Rosa e o segundo do moçambicano Mia Couto. Inicialmente, pode haver uma comparação simples a nível de enredo: personagens, clímax, situações da narrativa, tipos de narrador. Após mais algumas leituras e reflexões sobre as histórias, pode-se propor uma discussão sobre o tipo de linguagem utilizado nos contos e o modo que, por exemplo, os próprios alunos iriam narrar a história para um colega.

Dessa forma, as diferenças de um texto literário e de um texto não-literário poderiam auxiliar na compreensão das características marcantes do discurso literário (elementos como a metáfora em nível inaugural de sentido). Pode haver, por exemplo, uma tentativa de compreender os neologismos nos dois textos.

Por fim, mais do que tentar reconhecer esse novo universo i-



imaginado, imaginário e vivenciado pela palavra, o tempo e o espaço para a leitura dentro e fora da sala de aula também são capazes de preparar o aluno para o estudo da literatura no Ensino Médio. Por isso, mesmo que pontual e trabalhoso, o trabalho com a literatura em sala de aula - contextualizado e aprofundado - pode seguir o provérbio africano de sabedoria e persistência: "A lua anda devagar, mas atravessa o mundo."